

Cinema de Amadores

(F I M)

Estava tudo dito! Começamos a nossa filmagem, usando os domingos e feriados para os trabalhos nas locações. Pudesse eu contar o prazer que tive com essas nossas filmagens! Nunca mais nos esqueceremos dellas. O scenário havia sido tão bem cuidado que já ninguém duvidava do nosso successo. Seguindo-se tudo na mais perfeita ordem, obtinhamos os melhores resultados. Pouco a pouco, compreendemos que cada scena precisava ser explicada uma á outra scena precedente, e por outra ainda que se lhe seguisse.

A arte do Cinema reside na apresentação de idéas e emoções vivas, taes como essas outras idéas e emoções que chegam até nós, na vida real, através os cinco sentidos. A pratica mostrou-nos então que os titulos não deviam dizer uma parte daquella historia que a pellicula descrevia com mais brilhantismo. A proporção que o nosso trabalho progredia, o nosso entusiasmo ia-se duplicando. Por fim, a filmagem ficou concluida. E eu offereci a minha sala de visitas para a primeira exhibição, transformando-a num verdadeiro cinema em miniatura.

Sentámo-nos todos, ao lado dos tres criticos que o Jorge havia convidado para aquella noite memoravel. E a téla illuminou-se com os titulos de apresentação:

"A Companhia Cine Amadorismo do Brasil apresenta"

"Revezes da Vida".

"Direcção de Ramão Planella. Continuidade de Jorge Julien, da historia do mesmo nome de Ramão Planella. Photographia de Sergio Barretto Filho."

"O Elepico..."

E assim nos vimos na téla, durante quasi uma hora, representando aquella magistral historia cinematica dos Revezes da Vida... Quando a exhibição terminou, naquella beijo apaixonado daquele homem do povo, que se havia resgatado pelo amor e vencido a Vida pelo Trabalho, foi uma salva de palmas, iniciada pelos proprios criticos do Julien!

De repente o Jorge levantou-se, e exclamou:

— Quem quer ser director agora sou eu! Amanhã, quinta-feira, convido todos vocês, não para uma feijoada, mas para um formidavel banquete na Rôtisserie! E de hoje em diante, Ramão, quem entra com o custo total dos 600 pés de film sou eu apenas!

Pois bem. Querem saber de uma coisa, leitores? Estamos preparando outra producção, e até o proprio Jorge Julien, quando vem jogar um pokerzinho conosco, só fala em filmes, lentes de approximação, tele-objectivas e angulos artisticos...

À Estrella é uma Operaria

(Conclusão do numero passado)

Mas voltando ao assumpto da nossa monographia, nós devemos observar que Billie nunca fez outra coisa senão penar através de interminaveis desanimos desde os seus primitivos tempos, em New York, em que ella começou "posando" para photographos, illustradores e pintores de propaganda commercial frequentando a escola nas horas de folga e aprendendo a dansar. Um dia, porém, alguém que tinha ligações com as "Follies" do Professor Ziegfeld viu uma imagem sua num annuncio, e nesse dia Billie abandonou o seu curso de steno-dactylographa e as lições de dansa e incorporou-se ás "Follies", apenas para ser, dentro em pouco, arrebatada por um produtor cinematographico.

Mas entre um contracto para o Cinema e ser um successo de bilheteria a differença é enorme. E é isso justamente que nos conduz ao thema que escolhemos: trabalho estafante.

No começo Billie Dove foi o que na gyrta do Cinema se chama uma perfeita "flop". Rescindiram-lhe o contracto. Ella se fez, então, livre atradora em varios studios e trabalhou com Tom Mix em algumas cavalhadas. Veiu a seguir "O Vagabundo do deserto" primeiro film colorido de exito, mas que falhou como factor de nomeada para Billie. O film foi entregue á exhibição e Billie não recebeu nenhuma proposta de trabalho. A nova oportunidade para a estrella ocorreu quando Douglas Fairbanks a escolheu para sua *leading lady* em "O Pirata negro". Billie era bonita, ninguém usaria contestar, mas nenhum studio se mostrava soffregos por ella. Dizia-se que lhe faltava a arte de representar. Billie aceitou a insinuação e poz-se a representar na intimidade para o seu espelho. Fastidioso mister, pois não?

Em 1926 raiou, afinal, o velho sol bemfazejo e propicio. Billie concluiu um film intitulado "The Marriage Clause", e todas as companhias de Hollywood entraram a reclamar. Billie arregalou os olhos fulgurantes e assignou um contracto com a First National, como artista *featured* — não estrella — e fez "An Affair of the Follies". Notando o seu magnifico trabalho nesse film, a companhia apressou-se em rasgar o primitivo contracto e fel-a estrella com todas as honrarias. Affirma-se que isto foi obra das sollicitações dos exhibidores de todo o paiz. E quando os exhibidores querem alguma coisa, quasi sempre obtem.

A partir de então, Billie nadou sempre em dinheiro grosso. Quando appareceu o cinema falado, que foi uma especie de panico na California, Billie recolheu-se á sua Yes Room e poz-se a conferenciar com as suas vogaes. Vencidos o a-e-i-o-u, ella passou ás consoantes e a victoria foi igualmente brilhante.

Hoje, segundo rezam as chronicas, tudo vae *all-right*. Billie fez taes estudos acurados do "Estafante" e das suas ligações com o Ocio que ninguém mais se surprehende com o que possa acontecer. Miss Dove dispõe de systemas cuidadosamente regulados que funcionam como um relógio, a não ser quando algum subalterno do studio lhe informa: "Miss Dove, a sua companhia trabalha hoje até a meia-noite!" Quando isso acontece, ella recebe sorridente a infracção ao seu regimen de vida e retira-se para um canto, a pensar, scismadora, naquella viagem de recreio á Europa com que vem sonhando ha tanto tempo e que ainda não pode transformar em realidade. Lá no intimo ella deve ter uma grande vontade de trocar o Estafante pelo Ocio.

MANOLESCO

(Conclusão do numero passado)

Depois, ciumento, entra Jacques, por um Manolesco espia tudo. Vê a amante e o homem alto e forte. E, ao lado, outra mulher. Que guarda joias de valor, num pequenino cofre. Dos dois pontos da sua observação, colhe detalhes.

Depois, ciumento, entra Jacques, por um instante, fóra-se. Elle apanha os pulsos de Cleo.

— Quem é?

— Elle!

Ella o teme. Demais, mesmo.

— Pensei que nunca mais voltasse...

Na ultima angustia da phrase.

Fica tambem o ultimo receio...

Quando Manolesco a ia censurar, de novo. Entra Jacques. Não ha explicação. Nos seus ciumes. Compreendem-se. Atracam-se. Lutam. Como se fossem duas feras...

Esmurram-se. Arranham-se. Engalfinham-se. Atiram-se ao chão. Maltratam-se. Tudo isso. Com a extrema brutalidade. Com o extremo odio.

Cleo, assiste.

Depois vem a policia. Gritos. Sustos. E Jacques é preso e conduzido para longe de Cleo. Houve um beijo. Cheio de sangue e de

suor. De cansasso e de alegria. Pela victoria. Cleo cada vez mais amava o amante...

* * *

No dia seguinte. Continuava a sua pouca sorte no jogo. Sorte nenhuma, mesmo. Ella já nem sabia o que dizer. Depois lembrou-se das joias da vizinha. Falou. Cleo não disse que não. Achou até bom...

Elle roubou.

Pagou o Hotel. Pagou tudo. Sahuu, como um principe.

Quando deu a mulher do quarto vizinho, pelo roubo, já estavam elles em Paris, com outros nomes. Longe da policia. Longe de todos...

* * *

O primeiro passo. E' o que custa mais a se dar. Dá-se com difficaldade. Com receio. Com pena de o estar dando. Mas o segundo... O terceiro... E os outros... São facéis. E' a mesma cousa que aprender a andar...

Fizeram Paris. Depois Londres. Depois Paris. Depois Berlim e de novo Paris.

Novamente um encontro. Novamente, diante delles. Querendo arrancar Cleo dos seus braços, Jacques. Terrível e medonho.

Nova luta. Mas, desta vez. Sem intervenção de policia alguma. Manolesco saiu dali para um hospital. Em confortavel padiola... Perfeitamente desaccordado. Perfeitamente quasi morto...

Cleo acha que Jacques lhe traz mais vantagens. Porque Jacques, afinal, cumprira a pena. Era novo homem. Nova figura. Cheio de possibilidades. Manolesco, afinal, para ella, era um perigo. Conhecido em todos os lugares. Sem mais aonde roubar. Sempre em sobresalto. Sempre sujeitando-a á cousa peor. E, afinal, já tivera, delle, os melhores beijos. E, de Jacques afinal, guardava uma saude distante e, agora, um interesse maior pelo dinheiro que elle já havia accumulado.

No hospital, quasi morto, Manolesco encontra, em Jeanette, uma enfermeira mais do que enfermeira. Uma menina cheia de carinho e delicadeza. Que, em poucos dias, já lhe restituia a saude abalada. E já lhe fazia ver a vida por um prisma mais decente e melhor...

Um dia, Cleo invade o seu quarto. Abalado. Profundamente. Com a noticia de que elle ia ser preso. Mostra-lhe o mandato. E conta-lhe um pouco da sua resolução em relação a Jacques...

Sáe. Manolesco foge. Mezes depois, nas montanhas suizas. Bem longe dali. Com Jeanette, ao lado, inicia uma nova vida. Que queria fazer a sua vida de bem.

Cleo. Depois de mezes de convivencia com Jacques. Compreende que não mais pode supportar aquella besta-féra. Cheia de ciume e de vicio. Lembra-se da distincção do seu primitivo amante. Lembra-se do seu carinho. Da delicadeza do seu amor. E, em pouco. Sente-se saudosa. Apesar de mulher de mãos instinctos. Um lhe restara. O de pensar e o de sentir a saude immensa do seu passado côr de rosa. Do trem. Dos primeiros beijos...

Descobre-o na Suissa. Sabe-o, em companhia de Jeanette.

Depois disso, nada mais vê. E' o ciume brutal, a invadir a sua alma. Procura Manolesco.

— Vem! Vamos continuar a nossa vida!

— Não. Cansé. Vae que eu ficarei aqui.

Agora, encontrei o verdadeiro amor. Para que ir? Para que? Para de novo ficar. Sob os punhos de um rival. Ou sob a arma de um policia!

Ha insistencia. Ha violencia. Por ultimo, a verdade.

— Vou me casar com Jeanette. Nada me levará daqui. Muito menos tu! Que me fizeste peor do que sou e me auxiliaste na queda para a lama...

Cleo retirou-se. Bruscamente. Resolução tomada.

E, dias passados. Na noite de anno bom. Quando todos se divertiam. E quando Jeanette